

O LYRIO

Orgam Literario

Redactor chefe Oscar Romeiro

Redactor secretario J. B. Fagundes Gerente Adolpho Noronha

Anno 1

Jundiahy, 22 da Maio de 1901

N. 3

"O LYRIO"

Apresenta-se hoje na liça do jornalismo mais um minuscule campeão—*O Lyrio*.

Elle é, como o seu proprio titulo o demonstra, uma flor ta candida como essa flor de que tomou o nome; de sua corolla, cujas petalas são as paginas destaçadas das almas juvenis e enthu-siasticas dos seus collabores, evola-se o perfume suave e inebriante das illusões da mocidade, das fulgentes miragens que o prosaismo da vida pratica ainda não maculou com o seu halito.

Como o lyrio que curvando a haste flexivel e graciosa sobre corrente murmurante do regato implora ao ar, ás brancas nuvens e ao céu anilino o orvalho refrigerante de que precisa para conservar o viço, a frescura e o brilho das suas petalas tambem o nosso *Lyrio* precisa do orvalho da vossa proteção para desabrochar e expandir-se á luz da publicidade.

Seja, pois, leitor, a vossa benevolencia o benefico e vivificante orvalho desta humilde flor.

A REDAÇÃO

Illmos. Srs.

Redactores da « Aurora »

Soube a dias, por um meu estimado amigo residente em Rio Claro, que tencionavam mudar o nome de vosso jornal.

E' conveniente um de vossos gestos, visto ter sido este posto contra vossas vontades, somente para satisfazer o ridiculo capricho de quem todos vos sabeis.

Eu, com meu pouco valor e abedoria, estarei sempre á vossas ordens á Rua Coronel Quirino n. 15.

Envidarei todos os meios possiveis em favor do vosso delicado e amoso jornal.

Sou de Vs. Exs.

Creado e amigo obrigado

Isaac Pereira Garcez

Campinas, 23—2—1901.

No cemiterio

O sol acabava de se escon-

der; um traço avermelhado mancava ainda a sua passagem pelo horizonte longiquo, a lua do lado do oriente elevava-se sobre um fundo azulado, o céu estava puro o ar fresco e sereno.

Sahi de casa com o projecto de dar um passeio até o cemiterio ia visitar e levar algumas *suavidades* aos tumulos dos parentes e amigos que me são caros. No cemiterio reinava um profundo silencio, apenas de espaço em espaço, um mocho que estava pousado sobre o braço d'uma cruz de marmore, vinha interromper o profundo silencio com os seus fristes pios.

O cemiterio era grande, cercado por altos muros de tijolos pintados de branco. De qualquer lado que se olhasse só se viam tumulos e nada mais, alguns ainda eram novos e ricamente adornados com grandes inscrições e flores artificiaes, outros já quebrados e esverdeados attestavam a sua velhice.

Esse lugar solitario, essa tarde quieta, essa scena magestosa enfim, o cemiterio e

juncto, imprimi em meu espirito um recolhimento religioso.

Eu estava me distraindo com a leitura das diversas inscrições quando ouvi soar o *Angelus*.

A escuridão ia se tornando mais intensa, os meus olhos só viam as grossas columnas funerárias que pareciam horrendos phalluses.

observa-lhe: O cavalheiro não é d'aqui.

E elle todo baboso: Não minha senhora, eu sou da *Serra* e vim aqui preste baile.

Cousas sem Valor

Ceroula sem fitas.

Sabão sem agua.

Vella sem pavio.

Fogão sem brazas.

Quintal sem sahida.

Remédio sem mal.

Casal sem filhos.

Tacinho rançoso.

Em um Concurso

Señhor sabe queres são os denariados do mar?

O examinando começou a vacillar.

Diz o examinador: Por exemplo marisco.

Ah! si'n diz o examinando: *mariscos, lago-tas, siris, camarões*.

E. Val.

O Medico

De todas as catroelras, a mais vil, a mais nobre até é a do medico.

Assim como o advogado salva a vida d'um peccado que é inculpado levanta as buxas do tribunal da justiça, assim também

o medico livra da morte um filho que é a unica esperança de familia.

Se um advogado é bemquisto por arrancar das garras de alguns ladrões a fortunada e uma viúva que se achava já sem esperança do readquiri-la, também o medico é com muito mais razão bemquisto por arrancar das garras da morte um rapaz que está prestes a succumbir.

O céu

A este manto azulado em que parecem estar engastados os astros dá-se o nome de céu. Ao velhinho quantos ideaes nos vêm no pensamento. Se o dia é sombrio as nuvens o cobrem, sentimo-nos que sabemos a causa: uma oppressão no coração. O céu é claro e o céu é azul, n'os sentimos instinctivamente alegres; nossos corações se expandem e percebemos que se apagam todas as tristezas que nos vão n'alma.

A' noite, quando o céu se occulto a acina do nuvens d'ôr do chumbo que ameaçam tempestade, nossa alma recolhida pensa em segredo no poder do Criador. Em uma noite escura, em que o céu empalidece, com certas zonas mais negras do que outras nos mostra as estrellas como brilhantes encaixados em manto azul, e n'osso pensamento, fregindo das causas

Secção alegre

Histórias e anedoctas

O numero treze

Achavam-se à mesa diversos convivas e suscitou-se a questão do numero treze ser fatal.

—Ameditas nisto? perguntou um a seu vizinho. Sim, eu creio que o numero treze é um numero fatal porque todos que nasceram no seculo treze já morreram.

Tu's eu, replica outro, só creio que o numero treze seja signal de desgraça numa circunstancia.

—Qual?

Quando o dono da casa prepara jantar para 12, e se assentam 13 a mesa.

E' assim uma desgraça para o pobre homem!!!

N'uma Solré

Durante uma quadrilha um cavalheiro atropella-se o floc de leite opposto as suas competições.

Adeus que não era só par

Fè, Esperança, Caridade

terrenas, vai insensivelmente pa-
na o infinito.

Enfim o céu, límpido ou nu-
blado, de dia e de noite, tempestu-
oso ou não, tem sido em todos
os tempos o inspirador do poeta
o deleite do theologo, o encanto
da natureza...

Ralutra,

Descrição

O lugar mais suave e poético
que poder-se ha encontrar, é uma
floresta; ali, os pas ar e trinau.
mais alegre e harmoniosamente,
é a doce cadencia das aguas que
bra a mudez da sêsta.

A briza, atravez das ramas des-
jequitilás que parecem querer com-
gens galhos rasgar os céos, per-
passa como um canto...

Animas bravios infestam es-
tas regiões, e variadissimas es-
pecies de borboletas e vaguo-
iam de flor em flor, sugando nel
para o seu sustento.

A natureza hai é feito com
mais capricho, e conta com mais
ênfase a grandosa e poder do
Omnipotente...

Jun-1891, 28-2-1901

Augusto S. A. de Lima.

Uma pesca

A noite baixava lentamente e
a lua com seus raios amortecidos
vinha surgindo por entre nuvens
escuras.

Eu, e dois amigos iamnos apro-
veitar o luar para fazermos uma
pesca no rio Parahyba.

Depois de andarmos um pou-
co chegamos as margens do rio.
Como estava linda! parecia
um sereno e límpido regato des-
lizando-se por vasto campo, rode-
ado de arbustosinhos.

Assentei-me á margem e en-
macei a pesca. Ao principio os
espertos peixinhos nem sequer
tocavam nos anzóis. Mas não
puderam resistir ao instinto da
gula, e eis que um lindo lambar-
ty engasga-se no meu anzol.

Tirei o peixe, lancei novamen-
te o anzol ao rio, e continuei a
pescar até que enchendo meu
basto, fui procurar os outros com-

panheiros.

A lua já se tinha escondido por
traz dos montes, e o velho bran-
xo da Matriz soava onze horas.

Dirigimo-nos á casa e as 11
horas e meia chegamos con'en-
tissimos com a nossa feliz pesca.

Oscar Romeiro.

O Medico

(continuação)

O advogado protege os desam-
parados contra os males phisicos,
dá-lhes vida.

Quantas vezes não vemos uma
esposa chorando a cabecêira do
leito do moribundo!

Quantas vezes vêm-se orien-
tadas chorando perto do pai que

está quasi deixando-as á mercê da caridade publica, porque só lhe resta poucos momentos de vida!

Chega o medico que, com medicamentos energicos restabelece em pouco tempo os doentes e assim leva de novo a alegria para essas casas d'onde desaparece ra por algum tempo.

E' justamente nessas occasiões, e n'que o coração parece ameaçado de uma desgraça infunda, que se pôde ver quanto é consadora a carreira do medico!

Antonio Palma.

O barqueiro do lago Katrine.

Tradusido do Francez

Ha um seculo mais ou menos, um estrangeiro tendo sido lançado nas costada da Escossia, foi se estabelecer a l'este do lago Katrine, do lado do vale de Trosach.

Habitava atraz d'um rochedo n'uma cabana construida por suas proprias mãos. Com um pouco de dinheiro, elle comprou uma pequena barca, que lhe servia ora para pescar, ora para conduzir as diferentes praias do lago aquelles que seus serviços ahí os chamavam, ou o pequeno numero de viajantes que se via então nesses lugares.

Falava regularmente o inglez, o escarsez, e mesmo o dialecto m'phontez.

Distraction . . .

Ao meu lado, brincando, estava Helena...
Ora via um volume ora outro... Eu via fingindo que estudava, que ella ria
Quando olhava pr'a mim. Sua melena.

De cabellos tão pretos como a penna
Da grauna, por sobre mim batia...
E assim por que se ria, eu não sabia.
Segurei nas mãosinhas da morena.

E com a vóz macia, acavidoando-a,
Perguntei porque ria-se encarando-a:
Ela me interrogou, toda corada.

- « Porque estás escrevendo ahí meu nome?
E vi, no meu papel, com pasma enorme,
Escrepto: « Helena, Helena minha amada.

Marcos Paulo d'Almeida.

Rio de Janeiro.

Achava em caso de nessecidade quaesquer palavras francezas, italianas ou allemães, sem que se podesse reconhecer em seus actos o qual de todas estas linguas a qual lhe era a mais natural.

Nunca se descobriu a sua patria, nem a sua familia.

Quando os bons escossezes, geralmente dispostos a contar os seus serviços e a esdutar os dos outros, vinham com familiaridade expareiva, o interrogar sobre sua historia, elle respondia com algumas palavras anonimicas ou por um silencio obstinado que não lhes dava mais desejo de começar suas questões. Nada podendo saber, estavam reduzidos a adivinhar, e a existencia deste homem mysterioso era o objecto de mil conjecturas.

Os moços não o viam nunca no baile, e não ouvindo nunca tocar a cornamusa ou repetir as velhas baladas escossezes, o olha-

vam como uma especie de selvagem. As mulheres velhas não falavam delle senão em voz baixa, agitando a cabeça, e, como elle não tivesse quasi que nenhuma communicação com os humanos concluíram, judiciosamente, que tinha ligação com os espiritos. Alguns, feridos de suas maneiras reservadas e de seu ar taciturno, o olhavam com um ar de respeito, e o tomavam por um grande personagem que tinha sido reduzido a se esconder, depois de haver desempenhado um papel nas guerras civis. Mas aquelles que passavam por mais fino e mais espertos pensavam que elle era simplesmente um aventureiro contendo a ser esquecido no continente e que era bastante discreto sobre sua vida passada emquanto que não tinha nada e bom á dizer.

continua.

Eugenio de Camargo.